



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

220 anos do Tratado de Badajoz e da posse das Missões pelos luso-brasileiros - 210 anos da Intervenção de Dom João na Banda Oriental - 200 anos do Tratado de Incorporação da Cisplatina ao Império - 190 anos da Abdicação - 190 anos da criação da Guarda Nacional - 180 anos da pacificação da Balaiada por Caxias - 170 anos do início da Guerra contra Oribe e Rosas - 160 anos da Questão Christie - 150 anos do Tratado de Paz com o Paraguai - 150 anos da Lei do Ventre Livre - 130 anos da 1ª Constituição Republicana - 120 anos do início da Revolução Acreana por José Plácido de Castro - 80 anos da criação do Ministério da Aeronáutica.

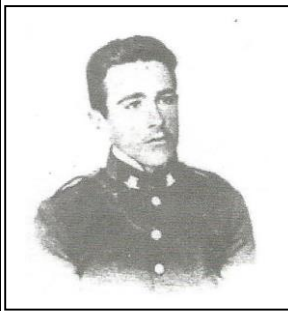
ANO 2021

SETEMBRO

Nº 384

GETÚLIO VARGAS E A EVOLUÇÃO DA DOCTRINA DO EXÉRCITO (1930 - 45)

CLÁUDIO MOREIRA BENTO, Cel Eng EM



Ao lado, Getúlio Dorneles Vargas quando aluno da Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo

O Presidente Getúlio Vargas, cujo cinquentenário de falecimento ocorreu em 24 de agosto de 2004, em sua juventude foi militar do Exército, por cinco anos. Inicialmente como soldado e sargento do 6º Batalhão de Infantaria em São Borja em 1899. A seguir, como aluno da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo em 1900, 1901 e 1902 até maio. E, finalmente, como 2º sargento de Infantaria do 25º Batalhão de Infantaria em Porto Alegre, em 1902 e 1903, quando se matriculou na Escola de Direito, tendo neste ano tomado parte em Expedição Militar até Corumbá, com o 25º BI, em função da Questão Acreana. Deu baixa do Exército ao retornar de Corumbá, em dezembro de 1903, para cursar Direito, onde ingressou como aluno ouvinte, matriculando-se em 1904 no 2º ano. Em 1906 Getúlio ingressou na política. Fundou o Bloco Acadêmico Castilhistas do qual fizeram parte os alunos da Escola de Guerra de Porto Alegre, no Casarão da Várzea, Eurico Gaspar Dutra e Pedro Aurélio de Góes Monteiro que exerceriam importante papel na vida e obra de Getúlio Vargas e, principalmente no Exército, como seu Ministro da Guerra e Chefe do Estado-Maior do Exército, respectivamente, e executores da ação do presidente Getúlio Vargas, no Exército, objeto da presente interpretação. Getúlio era filho de um herói brasileiro da Guerra do Paraguai e do combate à Guerra Civil de 1893/95, General Honorário Manoel do Nascimento Vargas.

Em discurso para as Forças Armadas, em 12 de dezembro de 1940, quando Presidente da República, em pleno Estado-Novo, Getúlio Vargas recordou aos ouvintes com orgulho, sua condição de ex-integrante do Exército, com estas palavras:

"Como vós fui soldado e encontrei na camaradagem das armas uma escola de lealdade, de abnegação e desinteresse, com o que continuo servindo ao Brasil, somando o meu esforço ao vosso e ao de todos os patriotas, para torná-lo cada vez mais próspero".

E foi fardado como chefe da Revolução de 30 que ele se deslocou de trem de Porto Alegre ao Rio, onde fardado assumiu o Governo do Brasil.

Sua contribuição para o progresso, relativamente ao Exército, foi a mais marcante da História do Brasil. Sob seu governo a Doutrina do Exército em seus campos Organização, Equipamento, Ensino e Instrução, Motivação e Emprego, atingiu a maior expressão e progressos relativos, ao longo do processo histórico brasileiro.

Um sintético inventário por campo doutrinário citado, corrobora com nossa afirmação, ao mesmo tempo em que se lhe faz justiça por evocar, no cinquentenário de sua morte, a projeção de sua obra na Segurança Nacional.

ORGANIZAÇÃO

O efetivo do Exército de 1930 a 1945 cresceu 100% e atingiu cerca de 100.000 homens. O aumento destinou-se a fornecer quadros e tropa para as 50 unidades criadas: 13 de Fronteira; unidades-escolas da Vila Militar; unidades motomecanizadas e antiaéreas; regimentos de Artilharia; escolas novas; e unidades para as estruturas de apoio logístico e de indústria bélica implantadas ou ampliadas. Para disciplinar toda essa nova organização foram promulgadas: as leis de Organização do Exército e do Ministério da Guerra; do Serviço Militar; das Promoções; da Inatividade, etc.

Foram baixadas as novas versões dos regulamentos básicos: Serviços Gerais (R-1, RISG), de Continência (R-2, RCont), de Administração (R-3, RAE) e Disciplinar (R-4, RDE); um conjunto de instruções, portarias, etc... que alteraram profundamente a organização do Exército que passou a ser comandado de instalação condigna, construída então e que se constituiu no Palácio Duque de Caxias, defronte à Praça da República, no Rio.

Fato significativo e de grande projeção na Defesa Nacional, foi a criação no Exército da Arma de Aviação que a partir de 1941, com material pessoal, passou a infra – estruturar o Ministério da Aeronáutica. Igualmente significativo, pela sua imensa projeção na Integração Nacional foi o Correio Aéreo Nacional (CAN) do qual um dos dois pioneiros, e hoje é o seu patrono, foi o Tenente Brigadeiro do Ar Nelson Freire Lavanére Wanderley.

EQUIPAMENTO

Visando a reduzir a dependência externa em material bélico, foi criado o Quadro de Oficiais Técnicos, estimulada a indústria civil a produzi-los e implantada a Indústria Bélica Brasileira. Esta ocorreu através da construção das fábricas de Itajubá, Juiz de Fora, Piquete, Curitiba, Andaraí, Bonsucesso e Cajú, além de remodelados os arsenais do Rio de Janeiro e o de General Câmara e as fábricas de Estrela e do Realengo. Estas fábricas entraram em declínio com a importação de excedentes militares depois da 2ª Guerra Mundial.

No setor de Apoio Logístico foram criados; os estabelecimentos Mallet (depósitos de Material de Intendência, de Engenharia, de Comunicações, de Veterinária e de Saúde); os hospitais militares de Porto Alegre, da Bahia, de Alegrete, Santo Ângelo e de Belém, Sanatório de Itatiaia, pavilhões de Neurologia e Psiquiatria do Hospital Central do Exército, a Policlínica Central e o Instituto de Biologia; as coudelarias de Minas Gerais, Pouso Alegre, Tindiquera e os depósitos de reprodutores de Avelar, Campos e São Paulo, além de ampliadas as coudelarias de Saicã e do Rincão.

Grande projeção teve a criação da Rede Rádio do Exército que facilitou sobremodo o exercício mais seguro do Comando sobre todo o Exército articulado no território nacional.

O material de Artilharia, em especial o de Costa, passou por uma sensível modernização e atualização com o concurso de uma Missão Militar Americana contratada em 1939.

A indústria bélica do Exército produziu uma gama enorme de equipamentos militares, inclusive equipagens de pontes B4-A2, cujos pontões tiveram seu primeiro teste com os pontoneiros do atual 4º Batalhão de Engenharia de Combate de Itajubá em Fernando de Noronha, durante a última guerra.

ENSINO E INSTRUÇÃO

As transformações e progressos neste setor foram mais revolucionários no sentido da profissionalização do Exército e da sua consolidação como força operacional. No tocante ao Ensino foram construídas condignas e monumentais, as escolas de Estado-Maior e Técnica do Exército, na Praia Vermelha, até hoje servindo ao Exército.

Da mesma forma, a monumental e distinta entre as melhores escolas militares do mundo – a nossa Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), como uma promessa da Revolução de 30. Foi igualmente construída a Escola de Artilharia de Costa da Urca. Foram criadas as escolas preparatórias de Cadetes de Porto Alegre (EPPA), no antigo Casarão da Várzea, a de Fortaleza (EPF) e de São Paulo (EPSP) e os centros de preparação de oficiais da Reserva em todo as regiões militares – os CPOR.

Essa estrutura de ensino do Exército foi ainda enriquecida com a criação das Unidades-Escolas da Vila Militar, da Escola de Educação Física do Exército e de um Grupamento Escola de Artilharia Antiaérea.

Para ordenar esta estrutura foram promulgadas as leis do Ensino e do Magistério Militar e baixadas instruções para regulamentar as escolas e normas para uma mais apurada seleção física, intelectual e moral dos candidatos ao oficialato do Exército.

Neste contexto prestaram relevantes serviços ao ensino no Exército – os generais Mário Travassos e Augusto Duque Estrada, respectivamente o primeiro comandante da AMAN em Resende e o último, da Escola Militar no Realengo.

Esta escola teve em 1921, como instrutor- chefe de Cavalaria da famosa "Missão Indígena", o então Capitão Euclides de Oliveira Figueiredo, destacado "jovem turco", co-fundador em 1913 da Revista Defesa Nacional e coordenador no Gabinete do Ministério da Guerra do combate à Revolução de 24, em São Paulo; e um dos chefes militares da Revolução de 32 naquele Estado.

A filosofia do Ensino no Exército de predominantemente científica e teórica até 1905 passou, até 1920, ao extremo oposto de ser predominantemente prática, segundo o Ministro da Guerra, General Eurico Dutra.

Segundo ainda a autoridade citada, foi procurado o equilíbrio entre a cultura geral e a prática. Baseou-se o Ministro Dutra nas **Memórias** do Marechal francês Ferdinand Foch, herói no Marne e em Flandres, comandante da batalha do Somme e generalíssimo que conduziu os Aliados à vitória na 1ª Guerra Mundial e que escreveu:

"O futuro demonstrará a necessidade da cultura geral ao lado do saber profissional militar, para quem como o militar que vive em presença de sucessivos fenômenos sociais que exigem para a sua compreensão um certo saber político e moral. Assim, não pode um militar, sob pena de segregar-se socialmente, de contentar-se apenas com os conhecimentos profissionais relativos ao manejo das armas e ao emprego da tropa".

O citado Marechal Foch, que saiu da cadeira de História Militar na Escola Superior de Guerra da França para comandar a vitória aliada na 1ª Guerra Mundial emitiu este importante e realista pensamento:

"Para alimentar o cérebro de um exército na paz, para melhor o preparar para a eventualidade indesejável de uma guerra não existe livro mais fecundo em lições e meditações que o livro da História Militar"

Foram entusiastas dessa ideia de equilíbrio da cultura geral com a profissional entre nós e a implantaram mais tarde no Brasil como Ministro da Guerra e como Comandante da Escola Militar do Realengo, depois de 1930, os então Major Leite de Castro e Tenente José Pessoa que, depois de lutarem no Exército da França na 1ª Guerra, frequentaram a sua Escola Militar de Saint Cyr.

O então Cel Mascarenhas de Moraes, como comandante da Escola Militar do Realengo nos anos 30, deu grande impulso à cultura geral, profissional e especializada dos futuros oficiais, ao implantar a biblioteca central da Escola e criar uma outra especializada em cada arma ou serviço e outras nos diversos departamentos (educação física, equitação, veterinária, etc...).

Durante o período 1930-45, o Exército se beneficiou por mais nove anos do concurso da Missão Militar Francesa (MMF) e por cerca de seis da Missão Militar Americana. Esta foi contratada depois da histórica visita ao Brasil, de 25 de março a 7 de abril de 1939, do general George Marshall, Chefe do Estado-Maior do Exército dos EUA. Ele veio a bordo do encouraçado "**Nashville**" trazendo inclusive o mais tarde general Matthew Ridgway, comandante americano na Guerra da Coreia.

No tocante à progressiva operacionalidade do Exército foram assinalados os progressos.

Os períodos de instrução das unidades eram observados e fiscalizados, com rigor. Os resultados práticos ficaram evidentes nas grandes manobras do Vale do Paraíba e de Saicã. Esta contou com o estímulo da presença do Presidente Vargas.

A instrução em campanha foi corporificada pela adoção de regulamentos específicos para cada Arma ou Serviço; de Organização do Terreno (OT); de Serviço em Campanha, de Tiro de Armas Portáteis (RTAP) e de Instrução dos Quadros e da Tropa.

Para estimular a cultura militar geral e profissional e a sua difusão, bem como a corrente do pensamento militar brasileiro que consolidou a Reforma Militar, foi reorganizada a Biblioteca do Exército, agora também, e principalmente, como editora, modernizada a Imprensa Militar e estimulada e prestigiada pelos ministros militares a criação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, bem como a revista Nação Armada.

Para a ampla difusão da Doutrina do Exército foi criado o Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias (EGGCF). Ele editou regulamentos em substituição ao esforço particular que vinha sendo feito por uma plêiade de oficiais que se cristalizaram em torno da revista A Defesa Nacional em 1913 e usando editoras civis.

O Serviço Geográfico do Exército proporcionou um grande apoio à instrução, ao levantar mais de 25.000 km² em cartas.

Na prática, a consolidação da cultura geral dos oficiais gerou alguns acidentes ou distorções, produzindo justas reações por não se produzirem os efeitos esperados. Entre os acidentes ou distorções registram-se as opiniões contrárias ao se lecionar aspectos genéricos da Psicologia, Sociologia e Filosofia, em detrimento de conhecimentos aplicados à vida castrense.

Outro foi o estudo descritivo e não o crítico da História Militar, modalidade tão exaltada por grandes capitães da História Militar como a verdadeira escola da guerra para eles, em razão dos ensinamentos que o único laboratório da doutrina militar – o campo de batalha – lhes sugeriu à luz do estudo crítico que realizaram das experiências que nele tiveram lugar e que a História Militar registrou.

No tocante à Geografia Militar foi confundi-la com Geografia Geral ou Estudos Brasileiros e não abordá-la em seus aspectos topo-táticos e topo-estratégicos e outros de interesse das operações militares nos diversos escalões, conforme foi a intenção do Cel José Pessoa ao introduzi-la na Escola Militar do Realengo com apoio no que observara ao cursar a Escola Militar de Saint Cyr e tendo como professor no Realengo e depois na Escola de Estado-Maior do Exército o coronel Francisco de Paula Cidade, autor da célebre obra Notas de Geografia Militar Sul-Americana.

MOTIVAÇÃO

Este importante campo da Doutrina Militar relativo às forças morais da guerra, tão evidentes nas vitórias de Guararapes, recebeu substancial estímulo no período em estudo, através de diversas ações. O passado militar brasileiro foi rebuscado, pesquisado, interpretado, cultuado e amplamente difundido pelos periódicos militares, pela Biblioteca do Exército, pela Imprensa Militar e a Nacional, como foi o caso da Livraria Globo em Porto Alegre.

Em 1940, o agora General José Pessoa, o idealizador da AMAN e também um dos grandes artífices da concretização de Brasília, iniciou histórico artigo em 1940 na Revista da Escola Militar com seguinte argumento

"É da tradição que se nutre a alma da nação. Das relíquias do passado retiram os povos as forças com que vencerão no futuro. Difundir pois o conhecimento da História do Brasil é o grande dever de todos nós. Esse conhecimento nos desvendará a grandeza moral de que se cobriram nas lutas pela nossa Independência, unidade política e grandeza territorial, os nossos antepassados".

Oficialmente o culto aos heróis do Exército do passado mereceu ênfase sob o seguinte argumento ao tempo do Presidente Getúlio Vargas:

"O mérito excepcional sempre foi raro. Daí a necessidade do culto aos heróis mortos de mérito excepcional. Ele desenvolve nosso sentimento de veneração, exemplifica e exalta a virtude para o estímulo dos moços. As suas qualidades deixaram sulcos indelévels que sempre servirão de lições para o presente e o futuro".

Assim o Duque de Caxias mereceu culto especial. Foram exumados seus restos mortais e da sua esposa e colocados no Panteon a Caxias, em cerimônia histórica, além de criado o Espadim de Caxias dos Cadetes do Exército, cópia fiel da em escala da heroica espada do Pacificador.

Outros heróis brasileiros do Exército foram cultuados condignamente. Foi inaugurado monumento aos Heróis de Laguna na Praia Vermelha e restaurados diversos monumentos históricos. Recorreu-se enfaticamente à História Militar através do concurso, em cerimônias cívicas de projeção nacional e no assessoramento superior, de destacados historiadores ou pensadores militares do Exército.

No setor civil registre-se destacada colaboração entre outras de Pedro Calmon – divulgador ímpar através de seus escritos e da sua inspirada e privilegiada palavra, de nossas tradições e glórias militares e mais a de Gustavo Barroso e Eugênio Vilhena de Moraes.

Para reconhecer o mérito militar foi criada a Ordem do Mérito Militar. As unidades históricas ganharam estandartes, nomes e distintivos e algumas, uniformes históricos como a AMAN e os Dragões da Independência.

O antigo Batalhão do Imperador extinto pela Regência, foi recriado com o nome de Batalhão da Guarda Presidencial. Depois da Intentona Comunista que provocou tantas vítimas inocentes no Exército, o culto à memória dos mesmos adquiriu grande expressão.

Dentro do Aspecto Motivação poderíamos alinhar à valorização do reservista pela criação de seu dia; elaboração do Estatuto dos Militares, construção de Vilas Militares nas fronteiras Sul e Oeste, em Amambai, Campo Grande, Mato Grosso, Quaraí, Uruguaiana, São Borja, Foz do Iguaçu, Coimbra, Óbidos, Guajará-Mirim, São Luiz, Dom Pedrito, Bela Vista e General Câmara, além das de Quitaúna, em São Paulo, Santa Cruz no Rio de Janeiro, Socorro no Recife e Vila Operária na Fábrica Estrela da Raiz da Serra, para não citar a remodelação da Vila Militar em Deodoro.

Muito significativo foi a FEB antes de partir para a Itália, ter ido buscar inspiração nos Montes Guararapes. Ao retornar ao Brasil foi lá depositar os louros da vitória, proferindo seu

comandante Mascarenhas de Moraes, palavras antológicas hoje lá inscritas em bronze no interior do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

EMPREGO

Durante o período em tela o Exército atuou na Segurança Interna na Revolução de São Paulo de 1932. Dela tirou precisas lições sobre a necessidade de dispor de uma indústria bélica sob seu controle para o apoiar e mais espalhada pelo território nacional do que concentrada em São Paulo. Ali o parque industrial revelou notável capacidade de se mobilizar belicamente em apoio à Revolução, como já havia na Guerra Civil 1893/95 combinada com a Revolta da Armada.

Enfrentou em muito boas condições os levantes comunistas ocorridos em novembro de 1935 em Natal, Recife e Rio de Janeiro (Praia Vermelha e Campo dos Afonsos).

Na Segurança Externa, pela primeira vez na História do Brasil o Exército lutou em Teatro Europeu representado pela FEB ao comando do Marechal Mascarenhas de Moraes.

Neste contexto, a Defesa Territorial do Brasil sofreu rigoroso teste com a articulação de tropas do Exército para defender o imenso litoral do Brasil, notadamente no Saliente Nordeste, Baía de Guanabara e no estratégico arquipélago de Fernando de Noronha.

Em todas as oportunidades mencionadas ficou evidente a validade do esforço notável despendido durante o governo de Getúlio Vargas 1930-45, para o desenvolvimento da Doutrina do Exército.

O final do período citado mostrou o grande salto operacional do Exército desde a Revolução Federalista de 1893-95 e Guerra de Canudos em 1897, até meio século após, quando se fez representar na Itália através da FEB.

Num extremo um Exército que por influência negativa de um positivismo mal interpretado na Escola Militar da Praia Vermelha, revelou, na prática, operacionalidade inferior aos revolucionários gaúchos de Gumerindo Saraiva e aos sertanejos de Antonio Conselheiro. Isto, consequência de um pacifismo utópico e romântico responsável por tantas vítimas inocentes nas Campinas rio-grandenses, nos cercos da Lapa no Paraná e de Bagé no Rio Grande do Sul e nos sertões da Bahia.

No outro extremo mostrou um Exército que depois de 50 anos de um trabalho sério e ingente, além de suportar e absorver, ainda na Itália, o impacto da mudança da doutrina francesa para a americana, fez muito boa figura no Velho Mundo lutando contra ou em aliança com os melhores exércitos do mundo presentes na Europa Ocidental. E mais, consagrou-se eternamente pelas vitórias de Monte Castelo, Montese e outras.

Não há como negar que a visão de estadista do presidente Vargas se estendeu às Forças Armadas. No Exército ele encontrou o apoio patriótico e inteligente e muito objetivo dos ministros da Guerra generais José Fernando Leite de Castro (1930-32), Augusto Inácio Espírito Santo Cardoso (1932-34), Pedro Aurélio de Góes Monteiro, (1934-35) e Eurico Gaspar Dutra, (1936-45) que cobriu o período de maiores realizações de seu governo coincidente com a 2ª Guerra Mundial.

Havia de parte do Presidente Vargas a consciência estratégica de que nenhuma nação sustenta sua condição de grande nação ou potência econômica se não o for grande nação, potência ou grande potência do ponto de vista militar. Isto independente da tradição brasileira de repúdio à guerra de conquista, "qualité maitresse" de nossa política exterior traçada pelo Visconde do Rio Branco, pai do Barão do Rio Branco. Este, grande estimulador da República Velha do fortalecimento das nossas Forças Armadas, para que o Brasil pudesse desempenhar com prestígio e segurança seu papel no convívio das nações.

No período em tela o ideal do Exército através do ministro da Guerra general Dutra era de

"um exército disciplinado e poderoso, não para atacar os povos livres em razão do repúdio no Brasil à guerra de conquista. Mas um exército superiormente aguerrido, em acordo com a nossa grandeza e defensor da soberania de um Brasil eterno, vindo de um passado de glórias".

Já o Estado-Maior do Exército através de seu chefe, Gen Góes Monteiro, justificava esse ideal sob o argumento de que

"a neutralidade e o pacifismo não subsistem sem força que os assegurem, pois, na ordem internacional a melhor prova de sensatez e inteligência é amparar as boas intenções com as melhores armas ou na falta delas, com as de um forte aliado".

Costumo mencionar e agora repito de que a Força Expedicionária Brasileira que foi mandada a Itália pelo Presidente Getúlio Vargas, fez excelente figura ao lutar contra ou aliada a frações dos melhores exércitos presentes na Europa na 2ª Guerra Mundial. E deu a sua colaboração para preservar a Liberdade e a Democracia Mundial ameaçada pelo nazifascismo.

Bibliografia:

BENTO, Cláudio Moreira. Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro. Brasília: EME/ EGGCF, 1979 e 1999 2 ed.

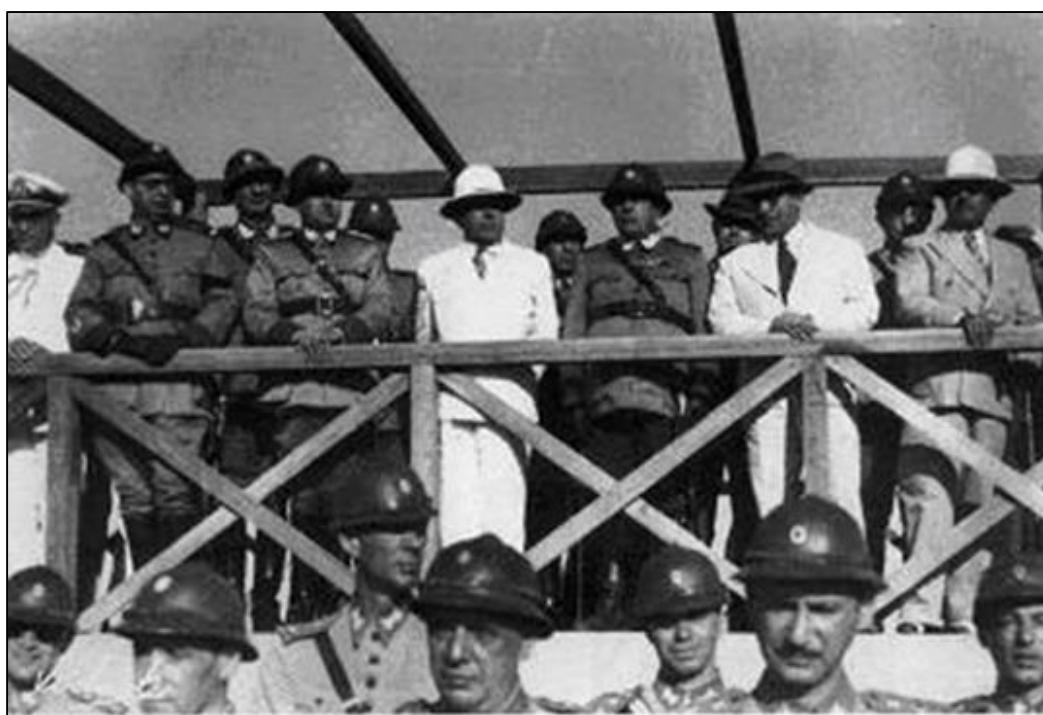
_____. As Manobras de Saicã. In: História da 3ª Região Militar 1989/1953. Porto Alegre: Pallotti, 1995, p.324/346.

_____. Reflexos do suicídio do Presidente Vargas no CMS. In: Comando Militar do Sul – 4 décadas de História 1953/1995. Porto Alegre: Pallotti, 1995, p.83/84.

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo. Rio de Janeiro: Sergraf, IBGE, 1972, 3 v.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Anais do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1938-40.

_____. Relatório dos Ministros da Guerra – 1930-45 (Coleção BIBLIEx)



Manobras de Saicã da 3ª RM em 1940, Getúlio Vargas presidindo o desfile final. No palanque, da esquerda para a direita com farda do Exército o General Góes Monteiro, Chefe do Estado-Maior do Exército; o Gen Eurico Gaspar Dutra Ministro da Guerra; ao seu lado o presidente Getúlio Vargas; ao lado deste o General Estevão Leitão de Carvalho, comandante da 3ª Região Militar; e a seu lado em trajes civis o General Osvaldo Cordeiro de Farias, interventor federal no Rio Grande do Sul (Fonte: História da 3ª RM, v.1)



O Presidente Getúlio Vargas nas Manobras de Saicã em 1940, usando traje especial tipo Militar, assistindo explicação da manobra, tendo ao lado o Ministro da Guerra Gen Eurico Gaspar Dutra. Assiste à explicação o General Lavalade, Chefe da Missão Militar Francesa em nosso Exército, em final de contrato (Fonte: BENTO, História da 3ª RM 1889-1953, v. 2)



Presidente Getúlio Vargas acompanhando manobras em Saicã, 1940
(Fonte: <https://www.brigadamilitar.rs.gov.br/historia>)

**Uma curiosidade, a canção da cavalaria do Exército
Alemão, composta no século XVIII**

"PREPARAR PARA MONTAR!" — "A CAVALO!"

Canção da Cavalaria do Exército Alemão

Letra: Fr. v. Schöler (1797) Música: Chr. Zahn (1797)

I

Eia, avante camaradas!
- Preparar para montar! - A cavalo!
Para a liberdade conquistar na guerra entrareis
E ali, na batalha, do homem a maior dimensão sentireis.
Só lá no combate, só lá poderá
Do seu coração a grandeza medir.
No ardor da peleja, quem o ousará substituir?
De si mesmo dono, de si mesmo senhor,
Sentindo no peito, no peito sentindo
Do seu coração o supremo valor.

II

Desapareceu do mundo a liberdade
E senhores ou escravos os homens são.
Enquanto a falsidade estiver reinando,
Traidor de si mesmo sempre o homem será,
E pela covardia e malícia atraídos também os outros serão.
Quem tem coragem de a morte de frente olhar?
Somente o soldado, o guerreiro somente,
Pois livre homem ele é e sempre livre será.

III

Da derrota o medo p'ra longe ele afasta
Nada temendo, nem se preocupando jamais.
Contra a morte na carga a cavalo se lança
Sabendo bem que se dela ainda hoje escapar
Amanhã certamente ela o há de encontrar.
E assim o bom tempo que ainda agora lhe resta
Bem aproveitado ainda hoje será.

IV

A boa sorte do céu sempre vem,
Não precisando por ela o homem cismar.
Na terra há quem por ela procure
Na vã esperança de um tesouro encontrar.
E assim, enquanto vive, com a pá vai cavando
Sim, com a pá preparando, sua sepultura vai.

V

Cavaleiros velozes, velozes cavalos
Terríveis, temíveis visitantes são:
São como tochas, que em festa de bodas
Em palácio ardendo ingressando vão.
São convivas que de repente aparecem
Não se apresentam e penetrando vão.

Não trazem presente e nem dinheiro têm
Pois só na carga seu soldo obtêm.

VI

Porque chora a moça e se preocupa?
Deixa o cavaleiro marchar,
Deixa o cavaleiro passar.
Não tem ele na terra quartel fixo
Nem permanece fiel ao seu amor.
A pressa do destino sempre adiante obriga a cavalgar
E em parte alguma repouso lhe haverá de dar.

VII

Por tudo isto, camaradas, firmes na sela aguentai,
Com o peito inflamado, arfando sempre de ardor.
Em ebulição vossa juventude sempre sempre há de estar
Enquanto o fermento da vida o calor liberar,
Pois só assim se pode afinal o ideal colimar.
Nunca a vitória conquistar jamais podereis
Se pelo risco de vossas vidas temeis.



Reunião e Lançamento de livro

Em 22 Set próximo (4ª feira), às 1720 h, será realizada uma reunião informal da AHIMTB/RS no Auditório do Museu do CMS. Todos estão convidados.

Em seguida, será lançado o livro "O Exército Imperial", de autoria do Gen Virgílio Ribeiro Muxfeldt e do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Evento a ser realizado no pátio do Museu Militar do Comando Militar do Sul a partir das 1800 h. Este convite é para todos os integrantes, amigos e correspondentes da AH-IMTB/RS. O valor arrecadado será utilizado para custear o próximo livro da trilogia: O Exército Republicano.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS
(lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE

– Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.